Editorial

Dossiê – Fundamentalismos e Democracia

Antes de pensar a relação entre fundamentalismo e democracia

Joanildo Burity*

Fundamentalismo, fundacionalismo, essencialismo, totalitarismo, racismo, sexismo, patriarcalismo, moralismo, intolerância, violência. Não há o que dizer de bom. O mal em si. Só que visto do outro lado. Um dos trunfos do fundamentalismo é que vence sempre, convence seus adversários que é exatamente o que dizem de si. Outro, é que raramente é autoinvocado. Poucos se definem como fundamentalistas. Melhor (ou pior) dos mundos: sou o que dizem de mim, mas não me identifico pelo que me chamam. Não carrego a autoidentificação, mas todos creem que a tenho. E assim, por atribuição, observação e acusação (é quase irresistível não fazê-lo, pelo simples uso da palavra), o fundamentalismo é um lugar desde o qual se acredita de forma completa, literal, inflexível; se pratica de forma cega, inegociável, intolerante; se legitimam abusos, imposições, silenciamentos, violências. Não há ironia, inconsequência, contradição, má consciência, incompletude, fracasso: é tudo ou nada. Não parece haver duplicidade, divisão, sofrimento na identidade fundamentalista. Não parece haver perda, dúvida, ambiguidade, incerteza.

O que há, de fato, para compreender no fundamentalismo? Não é um desses termos em que cremos e trememos? Não é sempre-já o abjeto, o obscuro, o monstruoso? O que ainda poderia ser dito, além de talvez acrescentar à série de desatinos? Sim, já sabemos. Nada pode nos surpreender, a não ser pelo excesso, pela transgressão dos limites do que já era visto como absurdo. Dizer fundamentalismo é vaticinar o todo, o um, o mal. Liberais, no pensamento, moral ou política, lhe

* Doutor em Ciência Política. Pesquisador titular da Fundação Joaquim Nabuco e Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco. País de origem: Brasil. E-mail: joanildo.burity@fundaj.gov.br

devotam horror. Ativistas sociais e militantes políticos, de centro ou esquerda o combatem sem tréguas. O fundamentalismo é o outro do moderno, do pós-moderno, da emancipação, da liberdade. O que, mesmo, procuramos ao nomeá-lo, situarmos-lo, estudá-lo?

E, no entanto, há uma temporalidade e uma posição marginal associadas ao fundamentalismo que, quando transpostas ou intensificadas, nos assaltam como uma experiência do mal, desencadeiam nossa indignação e prontidão para mobilizar as armas da razão, da ação coletiva, da lei. Fundamentalismo é pretérito, um tempo morto que quer voltar. Fundamentalismo é um resto que não foi extirpado de um mundo que já não existiria. Portanto, se vemos fundamentalismo, certamente nos assaltam fantasmas do que já criamos superado, sepultado, desmascarado, neutralizado ou subjugado.

Assim, nosso tempo, marcado por uma cada vez mais aguda sensação de decadência e desordem, provoca reasserção, defesa, resistência, arregimenta forças protetivas do contemporâneo contra o espectro do retorno da ignorância, incivilidade, crueldade. O que era resíduo ressurgue, qual fênix, no centro, no topo. E alarma o(s) que aí representava(m) o triunfo das luzes da razão, da liberdade, da autonomia, e por que não, do progresso. O fundamentalismo parece ameaçar nossa própria experiência do tempo – qual a tragédia que sopra do paraíso, no olhar aterrorizado do anjo da história benjaminiano – e nosso senso da ordem social e cognitiva dos lugares – quer na bidimensionalidade de centro e periferia, alto e baixo, quer na arquitetura da pluralidade e da livre construção de si e do nós democrático.

Mas, apesar da profusão de vozes que reiteram esse esquema interpretativo, sem dúvidas ou receios de insuficiência ou injustiça, há, certamente (!?), mais o que dizer do fundamentalismo. Se parece certo que os fundamentalistas creem na solidez e imutabilidade dos princípios que asseguram a ordem das coisas, sua previsibilidade e sua razão de ser (explicação e justificação), é preciso se perguntar por que também vemos o fundamentalismo como *reação* conservadora. Se parece dado que, deixados sem rédeas (e mesmo repressão), os fundamentalistas não hesitarão em subverter a ordem moderna, para nos levar de volta ao passado onde não mais seremos, é preciso se perguntar pela força de *sedução* (que frequentemente queremos reduzir ao desejo de certeza e estabilidade nas pessoas comuns) que torna os fundamentalistas

construtores de outras ordens, híbridas, escalonadas, vigiadas, mas não controladas nos mínimos detalhes e *mobilizadores* de milhares, milhões. Se parece pacífico que não há conciliação ou convivência possível com o fundamentalismo e seus seguidores (ou algozes, quando “no poder” ou perto deste), é preciso perguntar-se pela *divisão e fragilidades* da “alma” fundamentalista, que a tornam intolerante por sentir-se insuportavelmente rejeitada, desdenhada, desterritorializada. Se parece infalsificável a propensão à intolerância da opinião ou da forma de vida diferente, com ou sem a pretensão de “corrigi-las” por meio da sanção comunitária, legal ou política, é preciso se perguntar se as manifestações identificadas como fundamentalistas partilham de *um mesmo conjunto de atributos* ou de um *núcleo duro* que permitiriam sua nomeação, classificação e previsão do comportamento a assumirem, apesar das diferenças de contexto.

Desde suas origens modernas, estadunidenses e protestantes, quando de fato se articulava um projeto autoconsciente e autônomo “fundamentalista”, o termo foi assumido pelos adversários como exemplo daquilo que dizia ser: uma rejeição da modernidade política, social, cultural e moral, mas não da técnica e da econômica. Mais do que isso, foi sendo aos poucos transformado num epíteto acusatório. Não importam muito as variações. Não nos levam ao desconhecido, apenas ao exagerado ou mitigado. Nome da invariância patológica da fé, da certeza, da tradição decantada, fundamentalismo é estudado, ao que parece, quanto mais se quer vê-lo combatido.

Até aqui, tentei parecer entre neutro e provocativo, mas distanciado das questões mais excruciantes e urgentes. Não é fato que, nos últimos anos, a pluralidade religiosa, a diversidade sexual, a igualdade de gênero, a interculturalidade, a autoridade da ciência, a liberdade política, a convivência social pacífica, a paz internacional se veem duramente golpeadas e crescentemente engolfadas numa onda conservadora difícil de conter? Não é certo que a liberdade de cátedra, os serviços de saúde, a “compaixão estatal” das políticas sociais (compensatórias ou afirmativas) e a isonomia jurídica são corroídas e desmanteladas por uma afirmação heteróclita, mas implacável, da desmontagem do estado protetor das liberdades civis e dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais? Não está em risco a democracia? Por que tergiversar? Acumular aspas, ironias e perguntas retóricas? Por que preservar os monstros, os cínicos ou os *free-riders* do fundamentalismo?

Estas perguntas são muito importantes. Elas nos alertam para a dimensão ético-política de toda interpretação da realidade. Mas não podemos tomá-las como suficientes para essa interpretação. Uma das injunções das novas teorias do conhecimento – as mesmas que visam a proteger os saberes locais, marginais e sujeitos a discriminações e violências – é a da abertura ao outro, uma injunção a conhecer antes de julgar. Injunção que pode levar à rejeição do outro, certo. Mas não necessariamente *in totum* e em definitivo. O que seria uma leitura assim, que trate “o fundamentalismo” como outro, neste sentido? O que seria, melhor, uma leitura que explore a divisão, a oscilação, a contradição, a variação e, sobretudo, a relacionalidade e a dispersão dessa identidade? Relacionalidade que reclama analisá-la sempre em contexto, mas também nunca em si mesma, buscando os lugares em que a fronteira – e nunca há só uma – se mostra incerta, vulnerável, porosa, passível de contestação desde dentro e desde fora. Os fundamentalistas e seus fundamentalismos emergirão dessa leitura menos poderosos, menos infalíveis e mais envoltos em disputas internas pela latitude de suas crenças, emoções e práticas. Dispersão: mais do que variabilidade, experiências de descontrole relativo da reprodução da identidade e da forma de vida fundamentalistas, gerando *identidades* e *formas* de vida, problematizando-as pelo contato, pelo confronto, pelas alianças com outras.

Essa injunção ético-política no plano do conhecimento, essa política do saber, nos interpelaria, não tanto a relativizar o risco ou a repulsa que, real e imaginariamente, provoca o “fundamentalismo”. Nos interpelaria, antes, a remexer nossas caixas de ferramentas para sofisticar a análise: se há sedução de massas nos fenômenos da onda conservadora, não estamos sempre de volta ao já-conhecido – o fascismo, o totalitarismo, o dogmatismo, a intolerância, a violência? Uma sensibilidade pluralista, falibilista e relacional para o estudo destes fenômenos históricos, sociais, políticos, culturais (entendam as vírgulas como contiguidade, articulação ou amálgama, conforme os *casos*!) nos desafiará a perceber o complexo simbólico-prático fundamentalista (complexo nos sentidos psicanalítico e da teoria da complexidade), seu caráter “fundamentalmente” problemático, atribulado, ansioso, contestatário e contestador. O sintoma do fundamentalismo, paradoxalmente, como *vivência* inconciliada e ressentida do incerto, do múltiplo, do efêmero, do antagonístico, nos desafiará a reencontrar a alteridade da experiência

fundamentalista, tanto sua resposta desesperada aos tempos presentes quanto sua *hubris* passadista e sua intuição política da necessidade de, se se quer viver na estabilidade, previsibilidade e segurança projetada no passado, lutar para trazê-la de volta. O que, em outras palavras, quer dizer, ironicamente, construí-la e reproduzi-la ativamente.

Conundrum do fundamentalismo: é o que dizemos a respeito das pessoas, suas práticas e suas organizações, coonestando o que dizem de si mesmas, sem dizerem-se fundamentalistas? Até onde o fundamentalista é um ser “plenamente constituído”, no seio acolhedor de sua comunidade de referência, ao abrigo de e previamente ao encontro com a alteridade que lhe retira o chão de sob os pés? Quanto de combate sem quartel há que se opor às pessoas fundamentalistas, particularmente as que sequer têm consciência de como são vistas, fora da estridência ou suposta clarividência (inclusive mística, oracular) do discurso de seus líderes? É possível “empatizar” com o sujeito fundamentalista, sem tornar-se outro e sem ser radical e sumariamente rejeitado por ele? Como lidar com o gênero do/no fundamentalismo? Como entender a autorrepressão do fundamentalista que se vê diferente consigo mesmo(a) e em relação a seus(suas) iguais? Como operar com a divisão para descolar segmentos fundamentalistas em certos aspectos, mas “razoáveis” e “sensíveis” em relação a outros, mitigando, assim, o mais ameaçador no fantasma do fundamentalismo – religioso, político, econômico, cultural? Como ser democrata e democrático na relação com os fundamentalistas?

É o que, sem saber ainda, e sem ter visto ou lido, esperaria encontrar na sequência de artigos desta edição de **Horizonte**, que tão generosamente se me ofereceu o espaço dessas palavras talvez intempestivas, certamente improvisadas, mas deliciosamente livres das escrituras da forma acadêmica. Nesse lugar cômodo – mas autorizado – do editorial, quisera eu “pautar” antecipadamente, mas sem saber, o protocolo do olhar que o leitor e a leitora devotarão aos textos que seguem. Pelos quais tenho que agradecer, por prestarem-se a este diálogo imaginário, mas carregado de sentimentos de urgência, indignação e ansiedade quanto aos destinos de nossas religiões, moralidades, políticas. Aguardo...